



Coordenação-Geral de Comunicação Social

Clipping 208/19 – quinta-feira, 11 de abril

Jornal do Commercio

- Capa – 03
- Capa – 04
- Coluna Frente & Perfil – 05
- Coluna Follow-Up Empresarial: Mudanças, é prudente esperar – 06
- Faturamento foi o melhor da série histórica – 07
- Indústria revisa expectativa de alta – 08



Faturamento do PIM soma R\$ 92,7 bilhões em 2018

O Polo Industrial de Manaus fechou 2018 com seu faturamento em dólares no vermelho. Na comparação com o acumulado dos 12 meses de 2017, as vendas caíram de US\$ 25.68 bilhões (2017) para US\$ 25.35 bilhões (2018), uma diferença de 1,28%.

Convertido em moeda nacional –e submetido às distorções cambiais do período–, o desempenho da indústria incentivada da Zona Franca de Manaus foi muito melhor. O faturamento avançou 12,91%, ao totalizar R\$ 92,67 bilhões de janeiro a dezembro de 2018, contra R\$ 82,07 bilhões no mesmo

período do ano passado.

Contabilizado em dólares, o montante ficou acima dos obtidos em 2015 (US\$ 24.08 bilhões) e 2016 (US\$ 21.94 bilhões) e bem abaixo do de 2014 (US\$ 37.13 bilhões). Em reais, foi o melhor resultado na série histórica iniciada em 2013 (R\$ 83.30 bilhões).

Página A5

03



Coordenação-Geral de Comunicação Social

11 de abril de 2019



Foto: Acervo JC

MOTOCICLETAS

Indústria amplia projeção de alta no PIM

O setor de duas rodas registrou crescimento de 6,1% na produção de motocicletas no PIM (Polo Industrial de Manaus). Segundo dados da Abraciclo (Associação Brasileira dos Fabricantes de Motocicletas, Ciclomotores, Motonetas, Bicicletas e Similares), a expectativa é que 1,1 milhão de unidades sejam produzidas em 2019. A estimativa anterior, apresentada em dezembro do ano passado, era de 1.080.000 unidades.

Página A6

04



Coordenação-Geral de Comunicação Social

11 de abril de 2019



Recuperação do PIM consolidada

Estão confirmadas as expectativas de recuperação do Polo Industrial de Manaus. O conglomerado de empresas fechou 2018 com faturamento de R\$ 92,67 bilhões, o que representa um crescimento de 12,92% em relação ao faturamento obtido no ano de 2017 (R\$ 82,070 bilhões). Já em dólar, os US\$ 25,35 bilhões faturados em 2018 representaram decréscimo de 1,3% em relação ao resultado de 2017 (US\$ 25.685 bilhões). As exportações no ano passado totalizaram US\$ 509,54 milhões, o que corresponde a um crescimento

de 5,87% na comparação com o desempenho de 2017, quando as vendas externas foram de US\$ 481,31 milhões. Todos os cinco principais segmentos por representatividade de faturamento – Eletroeletrônico, Bens de Informática do Polo Eletroeletrônico, Duas Rodas, Químico e Termoplástico – tiveram desempenho positivo em 2018, alcançando índices de crescimento que variaram entre 12,17% (Químico) e 23,04% (Termoplástico). Juntos, esses cinco segmentos representaram aproximadamente 80% do faturamento global do PIM.

BONS AUSPÍCIOS

No balanço que apresentou ontem de seus primeiros 100 dias de Governo, o governador Wilson Lima (PSL) disse que está conseguindo superar o deficit de R\$ 3,2 bilhões que encontrou quando assumiu, graças a uma política austera de controle de gastos, mediante o contingenciamento do orçamento de todos os órgãos e cortes em despesas. Ele disse que os adversários não lhe deram um minuto de trégua, mas acha que as perspectivas para o restante do ano são excelentes.

05

Coordenação-Geral de Comunicação Social
11 de abril de 2019

EDITOR RESPONSÁVEL
ALFREDO MR LOPEZ*

Há um clima extremamente satisfeitos com as promessas do novo governo, embora algumas dificuldades típicas dos marinhos de primeira viagem já se façam sentir. Por isso mesmo, faz sentido a pergunta lapidar do empresário e professor universitário Augusto Rocha publicada nesta terça-feira: "Onde estão os estímulos para o fim da crise?". Claro que não se pode reconhecer que não há fim da crise com o agravamento do desemprego. E é exatamente essa reflexão que Augusto faz para empresários, atores públicos, analistas da paisagem econômica e da inserção política no dia a dia da nação. Neste caso, danação não é apenas cacoítato muito menos coincidência... é a paisagem reinante. Receitas não nos faltam. Disposição política também, mas tudo ainda segue nebuloso no mar de promessas

em que não podemos navegar... por isso, e para não misturar otimismo com inocência, é prudente esperar.

Planalto debate ZFM e sua importância para o Brasil

Enquanto isso, no próximo dia 11, no Auditório do Edifício Sede do TCU, um seminário de extrema importância para a economia do Amazonas e da Amazônia Ocidental vai debater a "Importância da ZFM para o crescimento do país", promovido pelo próprio TCU, Correio Brasiliense, Academia Brasileira de Direito Tributário e Instituto Brasileiro de Ética Concorcial. Os participantes vão debater, entre outros avanços, os estudos da FGV sobre a Efetividade do Programa ZFM. São 52 anos de acertos, mas também de desconhecimento e perseguição. Al-

guns detratores foram capazes de se penitenciar pelos próprios enganos, enquanto outros se calam após entender e conferir a lógica dos avanços deste que é o maior acerto da política fiscal da história da República.

Intuições e proposições

Com insistência e em várias publicações de entrevistas e artigos, o presidente do CIEAM, Wilson Périco, cansou de repetir que, com este cabedal de acertos (geração de empregos na região e no país, proteção florestal, serviços ambientais e a devolução de até R\$ 3 reais para cada real supostamente renunciado na região, para citar alguns), nós não somos parte do problema fiscal do país sim um potencial extraordinário de contribuições e saídas para o país tirar o pé da inépcia gerencial que nos descreve como nação.

Wilson gritou por métricas confiáveis, desde sempre, denunciou a maquiagem dos dados obtidos em moeda Brasil e repassados como verdade e ufianismo pela Suframa, enquanto as métricas em dólar revelavam outro cenário. E assim, já ensaiou-se a busca da realidade que as métricas coerentes e procedentes revelam. Afinal, nossa economia estava sendo estrangulada porque foi transformada em corredor de exportação de recursos para o governo federal. Os estudos da FGV, entretanto, e em boa hora, vieram confirmar suas intuições e proposições. A intuição de que a segurança jurídica é frequentemente usurpada e a proposição de que a riqueza aqui produzida tem que ser aqui aplicada, fizaram dos alertas de Wilson Périco uma luta diuturna pelo respeito à economia do Amazonas.

*esta Coluna é publicada às quartas, quintas e sextas-feiras, de responsabilidade do CIEAM. Editor responsável: Alfredo MR Lopes, ciam@cieam.com.br

Mudanças: é prudente esperar

Oportunidades e embargos das saídas para o crescimento

Para finalizar as reflexões de hoje, voltamos a Augusto Rocha, suas inquietantes reflexões sobre o que fazer: "As oportunidades de crescimento no país são expressivas, se houver concentração na geração de riqueza e facilitação dos métodos de produção. Entretanto, segue-se o raciocínio de maior regulamentação e conjunto de barreiras. Passar na frente de shopping centers hoje em dia, impressiona pela quantidade de pessoas com os celulares nas mãos esperando um carro de aplicativo (Uber, 99 etc.). O que se verifica é que inovações atraem mais oportunidades. Entretanto, ao aparecer a inovação, surge logo um olhar sobre como regular. Como sairemos desta armadilha de ineficiência? Quais os convites para

fazer que existem hoje? Quais as áreas prioritárias para o desenvolvimento? Seguimos sem clareza. Muito é dito sobre estímulo, mas o que realmente está sendo feito para estimular a economia? Larry Summers (Universidade de Harvard) publicou em 2016 um artigo sobre a Era da Estagnação Secular, concluindo que mitigar a estagnação econômica é algo de profunda importância em meio a achados econômicos. Em outro texto seu, publicado com J. Bradford DeLong (Universidade de Berkeley) sobre Políticas Fiscais em uma Economia Deprimida, há a indicação que as taxas de juros ficam próximas de zero, para fazer estímulos, o que tem sido a prática nos países desenvolvidos. Entretanto, não podemos adotar esta política porque deve haver um "prêmio" pelo maior risco associado ao país".



Resultado bom em real não esconde queda no desempenho contabilizado em dólares no ano passado

Faturamento foi o melhor da série histórica

MARCO DASSORI
redacao@cam.com.br

O Polo Industrial de Manaus fechou 2018 com seu faturamento em dólares no vermelho. Na comparação com o acumulado dos 12 meses de 2017, as vendas caíram de US\$ 25,68 bilhões (2017) para US\$ 25,35 bilhões (2018), uma diferença de 1,28%.

Convertido em moeda nacional – e submetido às distorções cambiais do período –, o desempenho da indústria incentivada da Zona Franca de Manaus foi muito melhor. O faturamento avançou 12,91%, ao totalizar R\$ 92,67 bilhões de janeiro a dezembro de 2018, contra R\$ 82,07 bilhões no mesmo período do ano passado.

Contabilizado em dólares, o montante ficou acima dos obtidos em 2015 (US\$ 24,08 bilhões) e 2016 (US\$ 21,94 bilhões) e bem abaixo do de 2014 (US\$ 37,13 bilhões). Em reais, foi o melhor resultado na série histórica iniciada em 2013 (R\$ 83,30 bilhões). Os números foram extraídos dos Indicadores de Desempenho do Polo Industrial de Manaus, divulgados nesta quarta (10), pela Sufrafa.

Apenas nove dos 23 segmentos listados pela autarquia fecharam o ano com as vendas em dólares no azul: bens de informática (+3,78%), duas rodas (4,07%), termoplástico (+6,90%), bebidas (+3,01%), metalúrgico (+3,61%), papel e papelão (+4,69%), produtos alimentícios (+15,83%), mobiliário (+7,96%) e ‘diversos’ (+77,23%).

O maior crescimento percentual (+77,23%) veio do subsetor de ‘diversos’ (conjunto de sub-setores representados por uma única empresa de pequeno porte), que escalou de US\$ 10,47 milhões (2017) para US\$ 36,28 milhões (2018). Em números absolutos, o melhor resultado (US\$ 5,42 bilhões) ficou com a indústria de bens de informática, que avançou 3,83% em relação a 2017 (US\$ 5,22 bilhões), e respondeu por 21,08% do faturamento total do PIM em 2018.

Entre as 14 divisões industriais que fecharam no vermelho, o maior tombo (-40,27%) veio do polo naval, que fechou 2018 com US\$ 52,82 milhões, contra os US\$ 88,43 milhões de 2017. Responsável pela maior fatia (27,85%) das vendas globais do PIM, o polo eletroeletrônico amargou queda de 3,63% entre 2017 (US\$ 7,44

bilhões) e 2018 (US\$ 7,17 bilhões), embora tenha conseguido faturar mais em reais (+9,09%).

Mão de obra

Do lado da mão de obra, os resultados foram piores. O PIM encerrou 2018 com 86.047 trabalhadores empregados, entre efetivos, temporários e terceirizados. O resultado indica uma queda de 2,82% em relação a dezembro de 2017 (88.553). Ainda assim, a média mensal de empregos diretos do PIM em 2018 ficou estabelecida em 87.732 trabalhadores – a melhor dos últimos três anos, segundo a Sufrafa.

Dez segmentos aumentaram sua taxa de empregos na comparação entre um ano e outro: relógio, bebidas, metalúrgico, papel e papelão, editorial e gráfico, têxtil, mobiliário, ótico, brinquedos e ‘diversos’. Em contrapartida, o polo madeireiro foi o único a ficar estagnado no



Apesar do resultado positivo em real, desempenho não elevou o ânimo do segmento

Do lado da mão de obra, os resultados foram piores. O PIM encerrou 2018 com 86.047 trabalhadores empregados

saldo de postos de trabalho. Majoritariamente também na mão de obra, o polo eletroeletrônico está entre os subsetores que perderam empregos (-0,78%) entre 2017 (36.198) e 2018 (35.916).

Crise e recuperação

“O ano de 2018 foi pésimo para a indústria: turbulento e marcado demais pela influência da política na economia. Esperamos uma recuperação em 2019, e já

começamos a

sentir alguma melhora em fevereiro. O crescimento deve vir mesmo em agosto, mas a base de comparação ainda é muito ruim”, ponderou o vice-presidente do Sinaes (Sindicato da Indústria de Aparelhos Elétricos,

Eletrônicos e Similares de Manaus), Celso Piacentini.

O dirigente questionou, contudo, a divisão entre eletroeletrônicos (divisões de vídeo e áudio e linha marrom em geral, além de poucos itens da linha branca) e bens de informática (celulares, tablets e computadores) e considera que a metodologia não espelha a realidade do segmento:

“É tudo eletroeletrônico. Se somarmos os dois, teremos uma média mais próxima do real e veremos que os números foram menores piões do que parecem”, opinou.

O vice-presidente do Sindicato das Indústrias de Alimentação de Manaus, Pedro Monteiro, não soube estimar o motivo do crescimento das vendas do polo de produtos alimentícios, uma vez que nem todas as seis empresas listadas pela Sufrafa estão entre os 20 associados da entidade patronal.

“Atribuí os números ao aquecimento da economia, princi-

palmente no final do ano. Mas, creio que 2019 será melhor ainda, devido ao crescimento potencial a partir da aprovação das reformas propostas pelo governo no Congresso. E, quando o consumo aumenta, nosso setor é um dos primeiros a reagir”, afiançou.

Na avaliação do superintendente da Sufrafa, Alfredo Menezes, os resultados devem ser comemorados principalmente diante do novo momento do Brasil, focado na recuperação da competitividade do setor produtivo, na geração de empregos e na atração e ampliação de investimentos.

“O ano de 2018 registrou um novo marco em nossa série histórica de faturamento, que deixou para trás a sombra de uma terrível crise que se iniciou em 2014. Isso nos dá otimismo para 2019. Acreditamos que, no campo econômico, haverá espaço para um novo ciclo para os empreendimentos regionais”, concluiu.

Setor de duas rodas obteve crescimento de 6,1% na produção no trimestre e ampliou projeção de crescimento

Indústria revisa expectativa de alta

ANTONIO PARENTE
redacao@jcam.com.br

Setor de duas rodas aponta crescimento de 6,1% na produção de motocicletas no PIM (Polo Industrial de Manaus). Segundo dados da Abracilo (Associação Brasileira dos Fabricantes de Motocicletas, Ciclomotores, Motonetas, Bicicletas e Similares), a expectativa é que 1,1 milhão de unidades sejam produzidas em 2019. A estimativa anterior, apresentada em dezembro do ano passado, era de 1.080.000 unidades, alta de 4,2% em relação a 2018.

Segundo o economista Ailton Rezende, o setor de duas rodas está em fase de recuperação, e explicou que o problema da queda de produção nos últimos anos estava mais relacionado ao endividamento e inadimplência dos interessados em comprar do que a própria indústria. O poder de compra do consumidor segundo ele, também impacta de como as empresas vão reagir frente a sua produção.

"Os números da Abracilo são baseados no desempenho do ano passado que culminou em uma boa expectativa para 2019. Isso foi motivado pela diminuição de inadimplência e endividamento que foi resolvido com as séries de ações que o governo promoveu como a liberação do FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço), PIS (Programa de Integração Social) e o décimo terceiro. A queda nas vendas forçou as empresas montadoras a reduzir a produção", disse.

O presidente da Abracilo, Marcos Fermanian, explica, que a visão positiva do mercado culminou com o esforço dos fa-

briantes de investir em novas tecnologias e novos atrativos, para conquistar o consumidor do segmento. Ele reforçou ainda, que se as reformas necessárias para o país aumentarem o poder de ganho para a população de baixa renda consumir mais os produtos do setor, a tendência de crescimento na produção só tende a evoluir.

"O aumento na queda no volume de venda de motocicletas nos últimos anos foi motivada pelo estreitamento da renda desses clientes. As motocicletas mais compradas que vão até 160 cilindradas são adquiridas por pessoas com renda de até 3 salários mínimos. A expectativa de um horizonte mais produtivo motivou esse cliente a comprar. Querendo ou não, a motocicleta é o único produto acessível para grande parte da população brasileira. Acessibilidade no valor, manutenção e consumo de combustível. Três fatores muito próximos da realidade brasileira", disse.

Vendas no mercado

De janeiro a março deste ano as vendas no atacado somaram 270.641 motocicletas, alta de 15,7% ante mesmo período de 2018 (234.010). Apenas em março o repasse de motocicletas para as concessionárias foi de 93.559 unidades, aumento de 7,2% ante março de 2018 (87.243 unidades). Na comparação com fevereiro foi registrada queda de 2% (95.427 unidades). Em Manaus, foram comercializadas no varejo 2,7 mil motocicletas de janeiro a março um crescimento de 20,7% no primeiro trimestre do ano.

De acordo com Fermanian, a cota do consórcio e o aumento de crédito por parte dos agentes



Recuperação da mão de obra ainda acontece de forma tímida no Distrito

financeiros coincidiu com o aumento da demanda no mercado, fatores que segundo ele ajudou a mobilizar o mercado consumidor. Ele reforçou, que apesar da região Norte e o Amazonas apresentarem um crescimento pequeno em relação a outras regiões do país, Manaus obteve um grande destaque de janeiro a março. Para ele, o crescimento nas vendas da modalidade de consórcio e o aumento da oferta de crédito foram os fatores primordiais para o bom desempenho do setor.

"Temos visto um investimento maior das administradoras que atuam com motocicleta, especialmente as ligadas aos nossos fabricantes. Elas têm feito campanhas expansionista de venda de cotas de consórcios. Isso tem contribuído para

o aumento das contemplações e traduzem o aumento da entrega de moto zero quilômetro nessa modalidade. Os bancos também têm modelado formas que adequam à realidade do consumidor que está cada vez menos inadimplente. A procura tem sido a mesma que as outras regiões", disse.

A nível nacional, o varejo teve uma nova projeção de 1.020.000 motos, um crescimento de 8,5% em relação a 2018 (940.108 unidades). Em dezembro, a perspectiva era de 998 mil unidades, aumento de 6,2%. No atacado, repasse das fábricas para as concessionárias, a nova estimativa é de 1.060.000 unidades, elevação de 10,7% em relação a 2018 (957.617 unidades). A estimativa inicial indicava 1.031.000, alta de 7,7%.

Empregos

De acordo com Fermanian, ainda que de forma tímida, o aumento da produção no trimestre já tem gerado alguns postos de trabalho. Apesar da melhora, as atividades ainda estão muito abaixo da capacidade produtiva. Segundo últimos indicadores da Suframa (Superintendência da Zona Franca de Manaus), ano passado o setor de duas rodas registrou 12,5 mil mão de obra ocupadas, um aumento de 3,4% em relação a 2017, que registrou 12,1 mil mão de obra.

Na visão do economista Ailton Rezende, mesmo com o aumento de 6,1% na produção, os números ainda não são suficientes para gerar novos postos de trabalho. "O aumento é mais para a manutenção dos empregos que estão efetivamente criados. As

montadoras tem pessoal suficiente para atender a demanda. Se houver será números de postos de trabalho pequeno", frisou.

Exportações

No primeiro trimestre foram exportadas 11.382 motocicletas, revo de 51,2% ante mesmo período de 2018 (23.320 unidades). Em março o volume embarcado foi de 3.525 unidades, redução de 54,5% na comparação com o mesmo mês de 2018 (7.747 motocicletas). Em relação a fevereiro, houve aumento de 7,2% (3.287 unidades).

Segundo dados do portal de estatísticas de comércio exterior Comex Stat analisados pela Abracilo, a Argentina foi o principal comprador de motocicletas brasileiras no primeiro trimestre, com 3.832 unidades, 37,7% do total. Em segundo lugar ficaram os Estados Unidos, com 2.224 unidades e 21,9% de participação, e em terceiro o Canadá, 1.488 unidades e 14,7% de participação.

Em março a Argentina manteve a liderança com 2.660 motocicletas compradas do Brasil, com 53,2% do total, seguida pelo Canadá, com 988 unidades e 19,7% de participação, e pelos Estados Unidos, com 608 unidades e 12,2% de participação.

A crise que se agravou na Argentina foi fundamental para a queda no número de exportações, segundo o presidente da Abracilo, as montadoras projetam novos mercados para fugir da dependência das vendas para o país vizinho. "Há um movimento para buscar novos mercados, porém, de forma tímida ainda. Estamos buscando mercados na Colômbia, Peru e Chile", explicou.